

10

**UMA REFLEXÃO SOBRE O *ETHOS*
NO SERMÃO DO MONTE:
DA RETÓRICA À ANÁLISE
DO DISCURSO**

Wilson do Amaral Filho

Doutor em Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM) e professor do curso de graduação em Teologia na mesma Universidade.

E-mail: wafilho@mackenzie.br

RESUMO

Este artigo tem por objetivo refletir sobre o *ethos* no Sermão do Monte, sob a ótica da análise de discurso. A primeira parte consiste em uma breve reflexão acerca da noção de *ethos* e de seu desenvolvimento até a análise de discurso contemporânea. A segunda parte se dedica à busca da noção do *ethos* presente no Sermão e de como o autor do Evangelho se propõe a utilizá-la em seu texto, conduzindo o leitor à credibilidade da pessoa do orador do Sermão – Jesus.

PALAVRAS-CHAVE

Ethos; Retórica; Sermão do Monte; Análise de discurso; Discurso contemporâneo.

1. INTRODUÇÃO

A retórica predominou no ambiente da sociedade grega antiga em diversos aspectos. Dentre eles, quem se dispunha a discursar aprendia técnicas de argumentação e persuasão. O sucesso no discurso dependia também da credibilidade que lhe era atribuída por seus ouvintes – o *ethos*.

A busca do *ethos* em um discurso escrito, que não é o foco de Aristóteles, tem sido desenvolvida mais recentemente na análise de discurso pelos estudos de Dominique Maingueneau, utilizando, inclusive, os conceitos aristotélicos para encontrar

no texto as evidências de credibilidade que o autor procura demonstrar aos seus leitores acerca de si mesmo, com o intuito de que sua mensagem seja relevante.

O artigo procurará expor brevemente alguns passos dados na direção do desenvolvimento da noção de *ethos*, iniciando por Aristóteles e encaminhando o leitor para a proposta de *ethos efetivo* de Maingueneau, pela qual será feita uma análise discursiva do Sermão do Monte. Observa-se que o Sermão registrado no Evangelho de Mateus tem Jesus Cristo como seu locutor, a quem o autor do Evangelho atribui voz e corpo e a quem o mesmo autor confere, textualmente, as evidências do *ethos*.

2. AS ORIGENS: AS PROVAS ARTÍSTICAS DE PERSUAÇÃO

Aristóteles (2005), um dos estudiosos que mais abordaram a retórica, reconhece a importância de convencer os ouvintes não somente pela força do argumento, mas também pela apresentação pessoal, idônea e convincente, pela qual, de forma inteiramente subjetiva, os ouvintes são influenciados a crer em seu discurso. Para cada uma dessas características do discurso, que denomina *provas artísticas de persuasão*, aplica um termo que lhe equivale – *lógos*, *ethos* e *páthos*.

Lógos pode ser entendido como o argumento lógico, que passa por uma construção mental elaborada, em que cada palavra do discurso é ponderada quanto ao uso e significado, a fim de que produza os efeitos desejados nos ouvintes. *Páthos* é fundamental na persuasão, ligada ao significado daquilo que acontece a alguém, quer seja triste, quer seja alegre, sentimento este experimentado pela mente, podendo constituir-se como aflição mental, emoção ou paixão, prova pela qual se dá o uso de apelos emocionais a fim de alcançar a alteração de julgamento da plateia.

Para garantir o sucesso da oratória, é imprescindível construir uma imagem confiável do orador junto ao seu auditório. *Ethos* ganha duplo sentido em Aristóteles, encaminhando-se para designar qualidades de caráter, demonstradas implicitamente pelo locutor em seu discurso, mas também o processo de convencimento do alocutário quanto à validade desse caráter.

Persuade-se pelo carácter quando o discurso é proferido de tal maneira que deixa a impressão de o orador ser digno de fé. Pois acreditamos mais e bem mais depressa em pessoas honestas, em todas as coisas em geral [...]. É, porém, necessário que esta confiança seja resultado do discurso e não de uma opinião prévia sobre o carácter do orador; pois não se deve considerar sem importância para a persuasão a probidade do que fala [...] mas quase se poderia dizer que o carácter é o principal meio de persuasão (ARISTÓTELES, 2005, p. 96, grifo nosso).

Eggs (2008) analisa vários termos gregos empregados na *Retórica*, fazendo o *ethos* relevante para a persuasão. O primeiro, *epiétkeia*, de sentido moral, pode ser traduzido como honestidade, benevolência ou equidade, que o orador demonstra ao discursar, imprimindo em seus ouvintes a sensação de que é digno de crédito no que expõe. O segundo, *héxis*, de sentido neutro, refere-se à situação do orador em relação aos seus hábitos, modos e costumes, resumidos pelo termo “caráter”. Para a persuasão acontecer, é necessário ao orador evidenciar honestidade, de um lado, e, de outro, exibir familiaridade com a situação. Segundo Aristóteles (2005, p. 257), uma pessoa inculta não tem possibilidade de dizer as mesmas coisas que uma pessoa culta, ou dizê-lo do mesmo modo.

De acordo com Eggs (2008, p. 30), o enfoque de Aristóteles dá a entender que o verdadeiro corpo de persuasão é o *lógos*, os argumentos, mas tanto o *páthos* quanto o *ethos* só pertencem à arte retórica quando produzidos “no” e “pelo” próprio discurso. Todavia, tendo conotação moral (*epiétkeia*) ou neutra (*héxis*), o *ethos* “não nasce de uma atitude interior ou de um sistema de valores abstratos; ao contrário, ela se produz pelas escolhas competentes, deliberadas e apropriadas” (EGGS, 2008, p. 37).

3. O *ETHOS* NA ANÁLISE DO DISCURSO DE MAINGUENEAU

Maingueneau se caracteriza por incluir o texto escrito na discussão da noção de *ethos*. Até então, focalizava-se a interação

de um orador com seu auditório, de modo a transmitir uma imagem de si por meio de evidências de honestidade, de um lado, e, de outro, a familiaridade com a situação, em conjunção com o *lógos* e *páthos*. Maingueneau entende que o texto não se destina a ser meramente contemplado. É, em verdade, uma enunciação dirigida a um coenunciador, cuja intenção é provocar a interação e fazê-lo aderir ao universo de sentido do texto.

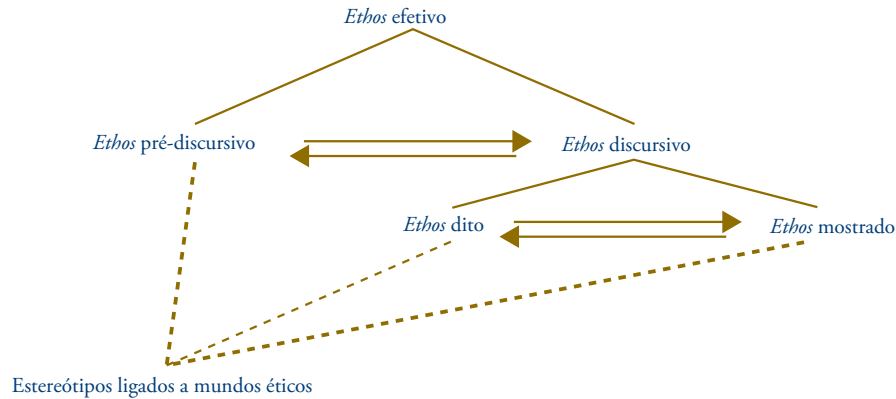
Começando por Aristóteles, o autor relembra as qualidades fundamentais necessárias para uma imagem positiva do orador, a saber: a *phronesis* (prudência), a *arete* (virtude) e a *eunoia* (benevolência). E, concordando com Aristóteles, situa o *ethos* retórico junto à enunciação e não ao conhecimento prévio do locutor, afirmando que “a eficácia do *ethos* relaciona-se, assim, com o fato de ele envolver de algum modo a enunciação sem ser explicitado no enunciado. [...] deve ser percebido, mas não ser o objeto do discurso” (MAINGUENEAU, 2006, p. 268).

Se a função do *ethos* é transmitir uma imagem do orador por meio do discurso, não se pode esquecer que o auditório tem a liberdade de preconceber o *ethos* do orador e faz uso dessa liberdade, antes mesmo de sua fala. No caso de um texto, nenhum enunciador está livre de ser avaliado previamente, seja pela escolha estética, pelo gênero de discurso empregado, pelo sistema de ideias, pela opinião de outros leitores ou mesmo pela leitura anterior de outro texto do mesmo enunciador.

Maingueneau (2006, p. 270) desdobra o conceito de *ethos*:

O *ethos* de um discurso resulta de uma interação de diversos fatores: o *ethos* pré-discursivo, o *ethos* discursivo (*ethos mostrado*), mas também os fragmentos do texto em que o enunciador evoca sua própria enunciação (*ethos dito*), diretamente (“é um amigo que vos fala”) ou indiretamente, por exemplo, por meio de metáforas ou alusões de outras cenas de fala. A distinção entre *ethos dito* e *ethos mostrado* se inscreve nas extremidades de uma linha contínua, pois é impossível definir uma fronteira nítida entre o “dito” sugerido e o “mostrado”. O *ethos efetivo*, aquele que é construído por um dado destinatário, resulta da interação dessas diversas instâncias, cujo peso respectivo varia de acordo com os gêneros do discurso.

Figura 1 – Esquema de *ethos* de Maingueneau.



Pelo esquema apresentado por Maingueneau, tem-se visão mais abrangente do desdobramento proposto. Para que o locutor se comunique efetivamente com seu auditório, agindo sobre ele, será necessário haver um saber de senso comum, uma representação cristalizada, ou um “conjunto de crenças e opiniões partilhadas que fundamentam a comunicação e autorizam a interação verbal” (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2006, p. 215). Amossy (2008, p. 125) denomina esse saber partilhado de “doxa”.

Maingueneau ainda acrescenta o conceito de estereótipo ao *ethos*, que completa o conceito do *ethos* efetivo. Amossy (2008, p. 125) recorda:

A estereotipagem, lembremos, é a operação que consiste em pensar o real por meio de uma representação cultural preexistente, um esquema coletivo cristalizado. Assim, a comunidade avalia e percebe o indivíduo segundo um modelo pré-construído da categoria por ela difundida e no interior da qual ela o classifica.

Charaudeau e Maingueneau (2006, p. 215) ainda lembrarão que o estereótipo é uma construção de leitura, que emerge sempre que o alocutário resgata dados esparsos no discurso, e os reconstrói mediante um modelo cultural preexistente. Nesse caso, constata-se que a eficácia do estereótipo dependerá de seu uso apropriado pelo locutor e, em resposta ao enunciado, da capacidade interpretativa do alocutário e de seu conhecimento enciclopédico.

Maingueneau avança mais na noção de *ethos*, ao articular corpo e discurso. Se na retórica o *ethos* pertence à oralidade, na análise do discurso o texto não pode ser considerado como uma oralidade enfraquecida, mas há de se entender que há uma voz específica que habita a enunciação desse texto. Mais do que uma voz, a instância subjetiva que se manifesta por meio do discurso é “‘corpo enunciante’, historicamente especificado e inscrito em uma situação, que sua enunciação ao mesmo tempo pressupõe e valida progressivamente” (MAINGUENEAU, 2008, p. 70). Maingueneau, então, denomina (a voz mais a corporalidade) como “tom”, melhor do que simplesmente “voz”, por contemplar tanto o discurso oral quanto o escrito.

Se, de um lado, o enunciador atribui a si uma posição institucional no discurso e marca sua relação com um saber, deixando-se apreender como uma voz e um corpo (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2006, p. 220), de outro, o leitor constrói o “fiador”, uma figura investida de caráter e de corporalidade.

O poder de persuasão de um discurso decorre em boa medida do fato de que leva o leitor a identificar-se com a movimentação de um corpo investido de valores historicamente especificados. A qualidade do *ethos* remete, com efeito, à figura desse “fiador” que, mediante sua fala, se dá uma identidade compatível com o mundo que se supõe que ele faz surgir em seu enunciado (MAINGUENEAU, 2008, p. 73).

Maingueneau (2008) explica que o caráter e a corporalidade desse fiador apoiam-se em conjuntos difusos de representações sociais do leitor, valorizadas ou desvalorizadas por ele, e de estereótipos nos quais a enunciação está apoiada.

Essa relação do *ethos* com a formação discursiva mediante o procedimento enunciativo foi denominada “incorporação” por Maingueneau (1997, p. 48). Pela formação discursiva, o enunciador e o destinatário são dotados de corporalidade; essa corporalidade encaminha os sujeitos a incorporarem esquemas que definem uma maneira específica de habitar o mundo, o ambiente social; a corporalidade e o modo de habitar o mundo permitem a constituição de um corpo imaginário, composto de todos os que aderem ao mesmo discurso.

É preciso registrar ainda que Maingueneau (2008) estabelece duas distinções no que se refere ao conceito de *ethos*: 1.

em todo e qualquer discurso, há uma vocalidade e uma relação com o fiador, ainda que existam discursos que não pretendam imprimir qualquer traço de tal fiador; e 2. o *ethos* se diversifica diante dos tipos e gêneros de discurso, sendo absolutamente normal ocupar menor espaço em alguns discursos do que em outros (menor espaço do *ethos* no discurso filosófico *versus* maior espaço no discurso político, por exemplo).

Finalmente, resta mencionar a “cenografia”, relacionada inclusive com o *ethos*. A noção do teatro é emprestada de outros teóricos, como Maingueneau e Charaudeau (2006). O autor trata do enunciador, localizado em um quadro interativo, em uma instituição discursiva inscrita em uma configuração cultural específica. Ali há “papéis, lugares e momentos de enunciação legítimos, um suporte material e um modo de circulação para o enunciado” (MAINGUENEAU, 2008, p. 75). O autor trata também do coenunciador como aquele “que enuncia a partir das indicações cuja rede total constitui o texto da obra [...] [porque] a história [isto é, o sentido do texto] que conta só surge através de sua decifração por um leitor” (MAINGUENEAU, 1996, p. 32).

Como se constata, o *ethos* retórico não abarca o sentido desenvolvido pela análise do discurso, ou seja, o *ethos* efetivo, porque este se tornou parte constitutiva da cena de enunciação.

Para Maingueneau (2008, p. 75, grifo do autor), ainda há um desmembramento a fazer na cena de enunciação:

A “cena de enunciação” integra de fato três cenas, que proponho chamar de “cena englobante”, “cena genérica” e “cenografia”. A cena englobante corresponde ao tipo de discurso; ela confere ao discurso seu estatuto pragmático: literário, religioso, filosófico [...]. A cena genérica é a do contrato associado a um gênero, a uma “instituição discursiva”: o editorial, o sermão, o guia turístico, a visita médica [...] Quanto à cenografia, ela não é imposta pelo gênero, ela é construída pelo próprio texto: um sermão pode ser enunciado por meio de uma cenografia professoral, profética etc.

Obviamente, o destaque dado pelo linguista recai sobre a cenografia, porque, longe de ser um quadro decorativo, a cenografia é o ato de inscrição da enunciação e a demonstração de seu desenvolvimento, em um espaço ainda não construído, relacionado a esse discurso. “Ela tem por função fazer

passar a cena englobante e a cena genérica para o segundo plano” (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2006, p. 96). No Sermão, constata-se que a cenografia é mobilizada com a intenção de captar o imaginário dos coenunciadores, e ela se desenvolve plenamente no texto estudado, ao mesmo tempo que controla seu próprio desenvolvimento, mantendo a distância em relação aos coenunciadores (leitores).

Maingueneau (2008, p. 77) ainda acrescenta que, na cenografia, “a figura do enunciador, o fiador e a figura correlativa do co-enunciador são associadas a uma cronografia (um momento) e a uma topografia (um lugar) das quais supostamente o discurso surge”, ou seja, três polos são indissociáveis:

A determinação da identidade dos parceiros da enunciação [...], a definição de um conjunto de lugares [...] e momentos de enunciação [...] a partir dos quais o discurso pretende ser proferido, de maneira a fundir seu direito à fala em uma perspectiva de ação determinada sobre outrem (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2006, p. 96, grifo do autor).

Em conclusão, o *ethos* ampliado pelo linguista francês em seu conceito oferece várias noções pelas quais é possível analisar o *ethos* efetivo do texto. Maingueneau (2000) utiliza o conceito de “enunciado” como o valor de frase inscrita em um contexto particular. Para ele, “enunciador” equivale ao “locutor” da retórica, aquele a quem se outorga uma posição institucional no discurso, que marca sua relação com o saber e faz uso da palavra. Em oposição ao enunciador está o “coenunciador”, equivalendo ao “receptor” da retórica, que não é passivo, mas exerce um papel ativo no processo discursivo.

4. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O SERMÃO

Não há dúvida entre os estudiosos de que Jesus não deixou nenhum texto escrito. Entretanto, Marquis (1913 apud PRICE, 1990, p. 15) declarou que “a principal ocupação de Jesus foi o ensino”. O consenso aponta para os Evangelhos canônicos como a fonte primária de informação do Jesus histórico e de sua fala.

Em se tratando do Sermão, Stott (1981, p.11) exalta a forma lógica com que Mateus expõe os ditos de Jesus: “O que salta à vista é que, não importando como ele foi composto, forma um todo maravilhosamente coerente”. Para Calvino, o Sermão se constitui em um compêndio preparado pelo autor:

O projeto de ambos os Evangelistas [Mateus e Lucas] era reunir em um lugar os pontos principais da doutrina de Cristo, relacionados a uma vida devota e santa. [...] Leitores pios e modestos ficariam satisfeitos com um sumário breve da doutrina de Cristo diante de seus olhos, reunidos de seus muitos e vários discursos, o primeiro dos quais era aquele em que [Jesus] falou a seus discípulos sobre a felicidade verdadeira (CALVIN, 1980, p. 168, tradução nossa).

Barclay (1958, p. 79) comenta:

Referimo-nos ao Sermão do Monte como se fosse um único sermão pregado em uma única ocasião. Mas é muito mais do que isso. Há boas e convincentes razões para se pensar que o Sermão do Monte é muito mais do que um sermão; ele é, de fato, uma espécie de sumário de todos os sermões que Jesus pregou.

Para provar o que afirma, Barclay (1958, p. 79) aponta dois trechos do Sermão (Mateus 5:31-32 e 7:7-11), em que considera haver ausência de conexão com o contexto anterior e posterior, o que lhe confere argumentos para afirmar que “há certa desconexão no Sermão do Monte”. Comparando o conteúdo do sermão escrito por Mateus com o de Lucas, Barclay (1958) entende que Mateus reuniu os ensinamentos de Jesus sob grandes temas em cinco discursos, na forma de sumários, enquanto Lucas espalhou o ensino de Jesus em seu Evangelho. Assim, Mateus teria escrito seu próprio compêndio, sem que isso desfigure de qualquer modo o discurso efetivo de Jesus.

Segundo Tasker (1991, p. 14), “é no arranjo sistemático deste material conforme o assunto e não em estrita sequência cronológica que o valor instrutivo da obra deste evangelista é encontrado”. Para Ropes (1934 apud TASKER, 1991, p. 15), o autor de Mateus é um “homem muito preparado e de refinada capacidade literária [que] empreendeu a tarefa de providenciar para instrução dos cristãos um compêndio ou manual sistemático sobre os feitos e as palavras do Fundador da Igreja Cristã”.

Sob a perspectiva de arranjo sistemático e não cronológico, observa-se que o Sermão é estético em seu processo de criação e atende a objetivos que se incorporam ao restante do livro, porque a linguagem empregada em toda a obra pode ser classificada como apologética, litúrgica, eclesiástica, com o intuito de apresentar a realeza messiânica de Jesus. O Sermão não foge desse objetivo ao apresentar, na cena enunciativa, de forma estética e estruturada, o padrão real para os seguidores da fé cristã, com palavras carregadas de conteúdo e sentido ideológico e vivencial.

5. O *ETHOS* PRÉ-DISCURSIVO NO SERMÃO DO MONTE

Na busca do *ethos* efetivo do Sermão do Monte, seguir-se-á pela teorização até aqui examinada, identificando cada um dos papéis da cena, que envolvem o Sermão, iniciando pelo autor, cuja intenção parece ser a de dirigir-se a um auditório conhecido, composto de, ao menos, judeu-cristãos ou destinatários familiarizados com a “doxa” cristã. O que fica evidente, segundo Zeilinger (2008, p. 9), é que “a forte ancoragem da língua na Septuaginta, as expressões idiomáticas judaicas [...] e o conhecimento da observância judaica da Torá apontam para autor e destinatários judeu-cristãos”. Assim, pode tratar-se de um auditório que tem familiaridade com os valores do Antigo Testamento, mas que nesse momento se encontra despatriado, refugiado na Síria, ou na região ao norte da Galileia (Mateus 4:24-25).

Se a datação do Evangelho coincidir razoavelmente com a época da destruição de Jerusalém, ocorrida no ano 70 d.C., tem-se como situação sócio-histórica a proibição da entrada de judeus na cidade, reerguida pelos romanos, sob pena de morte. Há evidências de que os judeu-cristãos fogem, antes mesmo do início da guerra, pela perseguição da própria comunidade judaica, movida, inicialmente, contra o cristão Estevão e depois contra todos os cristãos (Atos 8:1). Outros eventos correlacionados e de mesma natureza são registrados pelo historiador Lucas, em Atos (11:19-20).

O provável auditório de Mateus rumara tanto para o norte quanto para a Transjordânia. E, em parte, constitui-se em uma comunidade de exilados que precisa ser ensinada, fortalecida, consolada e motivada, que agora vive em contextos diferentes, distante da pátria. Acrescente-se a possibilidade de oposição da própria comunidade de judeus não cristãos que, a essa altura, da história empenhava-se no fortalecimento de um judaísmo ortodoxo, diferente do judaísmo multipartidário encontrado nos dias de Jesus.

O autor não está preocupado em mostrar-se na narrativa. Ao contrário, quem está sob seu foco é Jesus, a figura central de todo o Evangelho. Para enfatizar a importância do personagem aos seus leitores, o autor o qualifica logo na primeira frase do Evangelho: “livro da genealogia de Jesus Cristo, filho de Davi, filho de Abraão” (Mateus 1:1), de modo a fornecer ou recordar a doxa como subsídio para a composição de um *ethos pré-discursivo*.

Inicialmente, Jesus é identificado como o “Cristo”, tradução do hebraico *messias*, que significa *ungido*. A unção, no Antigo Testamento, era a cerimônia de aprovação ou ordenação de alguém para uma função ou posição destacada. Para maior ênfase do título de Jesus, Mateus utiliza a declaração de Pedro, apóstolo de Jesus, conhecido de seus leitores – “Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo” (Mateus 16:16). Ferreira (2006, p. 167) esclarece:

Cristo é utilizado de forma isolada para indicar o caráter de Jesus como o enviado de Deus (Mateus 1:16-17). No período em que o evangelho foi escrito, havia a expectativa entre os judeus de que nos últimos tempos Deus enviasse seu unguído.

Em Mateus, o título messiânico é unido ao nome de Jesus por quatro vezes, como parte de seu nome. O título messiânico “Cristo” surge no texto quatorze vezes, dividido entre as declarações de sua natureza messiânica, feitas pelo próprio Jesus ou por seus discípulos; no discurso escatológico de Jesus, diante da possibilidade de surgimento de falsos Cristos; do escárnio que sofre das autoridades a partir de seu aprisionamento.

Embora haja outras formas de tratamento para referir-se a Jesus Cristo, como “filho de Deus” e “filho do homem”, Mateus se utiliza do nome “Jesus” cento e noventa e três vezes, em todas as situações de relato, e descreve as diversas formas de

interação de Jesus com seu público. Há um significado nisso também, pela explicação que o autor confere a esse último nome, quando relata o sonho de José e a ordem recebida: “Ela dará à luz um filho e lhe porás o nome de Jesus, porque ele salvará o seu povo dos pecados deles” (Mateus 1:21).

Jesus é descendente de Davi, o primeiro rei da principal dinastia de Israel. Mateus se refere a Cristo, conectando-o a Davi e à nação de Israel; apresenta-o como rei dos judeus, segundo a interpretação dos sábios do Oriente (Mateus 2:2); como rei de Sião, ao ser aclamado às portas de Jerusalém (Mateus 21:5); como rei vindouro, o juiz de todos os habitantes da Terra, no discurso escatológico (Mateus 24, 25); como o sentenciado à morte por pregar o Reino dos céus e se insurgir contra a religiosidade judaica, sendo executado pelos romanos, sob a acusação de sedição (Mateus 27:37).

Jesus também é identificado como o filho de Abraão, o patriarca da nação israelita. Além da ascendência real, Mateus propõe a ascendência racial e, conseqüentemente, comunitária entre Jesus e os leitores do Evangelho, procurando mostrar que não há ruptura entre aquilo que foi prometido a Abraão e aquilo que Jesus incorpora.

Antes de chegar ao Sermão do Monte, Mateus destaca a voz de João Batista (Mateus 3:1-12), cuja pregação atesta a chegada do Cristo, a inauguração dos últimos dias e a necessidade de arrependimento do público a quem se dirige, para recebê-lo e receber sua mensagem. O *ethos* de Jesus em João Batista é expresso de dois modos: “aquele que vem depois de mim é mais poderoso do que eu, cujas sandálias não sou digno de levar” (Mateus 3: 11b) e “Ele, porém, o dissuadia, dizendo: Eu é que preciso ser batizado por ti, e tu vens a mim?” (Mateus 3:14). A seguir, por ocasião do batismo de Jesus, a voz de Deus é incorporada ao texto, como atestado da origem divina de Jesus e apresentação dele como o “Filho amado” (Mateus 3:17). O relato prossegue, mostrando as tentações às quais Jesus é submetido no deserto (Mateus 4:1-11). Jesus trabalha com essas provocações, rebatendo-as e vencendo-as com citações do Antigo Testamento, quase que certamente conhecidas dos leitores.

O *ethos* pré-discursivo ao Sermão se encerra com a descrição de diversos fatos: 1. a mudança do domicílio de Jesus de Nazaré para Cafarnaum, como confirmação dos ditos proféticos do Antigo Testamento (Mateus 4:12-16); 2. a pregação da “doxa” iniciada por João Batista e repetida por Jesus (Mateus

3:2 e 4:17); 3. a incursão pela Galileia, recrutando os primeiros discípulos, ensinando e socorrendo a população oprimida (Mateus 4:18-25), de modo que o *ethos* de Jesus, atribuído pelas multidões, é retransmitido no relato.

6. O *ETHOS* EFETIVO NO SERMÃO DO MONTE

Mateus informa que “da Galiléia, Decápolis, Jerusalém, Judéia e além do Jordão numerosas multidões o seguiam” (Mateus 4:25). Esse é o público de Jesus naquela ocasião e lugar, para o qual se destinam os seus ensinamentos. Esse público faz parte da cena enunciativa. Posteriormente, o autor do Evangelho reúne e constrói o discurso com os ditos de Jesus, extraídos daquela e de outras ocasiões, na forma do discurso do Sermão do Monte, procurando evocar em seus destinatários as impressões que deem crédito ao personagem central do texto. Igualmente, essa parece ser a tônica de todos os escritos dos Evangelhos.

Como a profecia [do Antigo Testamento], o evangelho nos confronta com a complexidade de dois níveis de ouvintes originais: os ouvintes das palavras de Jesus (discípulos, fariseus, [multidões] etc.) e a audiência dos evangelistas (as igrejas endereçadas) (GREIDANUS, 2006, p. 317).

De acordo com o modelo da comunicação esposado por Charaudeau e Maingueneau (2006), caracterizado pelos espaços interno e externo, Mateus é o locutor, o parceiro externo ao ato da enunciação; no espaço interno está Jesus, o sujeito comunicante, que toma posse da palavra e em quem se situa o projeto de fala. O outro parceiro, o interlocutor, é o grupo de discípulos e a multidão que se aproximam dele quando se assenta e passa a ensiná-los.

Mateus apresenta o discurso de Jesus a partir da informação prévia de que ele havia começado a ensinar nas sinagogas, pregar sobre o Reino dos céus e curar pessoas. Com base nessas informações, os leitores do Evangelho podem presumir que estas três atividades caracterizam o ministério messiânico de Jesus dirigido a Israel: ensinar, pregar e curar. Ao fazer qualquer

outra coisa, Jesus estava vivenciando seu próprio ensino, em uma lição prática do valor que esse ensino representava para Ele. Seus métodos de ensino são claramente didáticos, como o demonstram os relatos bíblicos efetuados por outras pessoas, pelos quais evidenciam o *ethos* de Jesus.

As cenas de enunciação do discurso de Mateus suscitam cenografias que não se conformam a uma cena genérica fixa. Estão presentes na narrativa: Jesus, os discípulos, as multidões anteriormente referidas, um monte ao qual Jesus sobe e, encontrando o lugar apropriado, se assenta. Duas imagens podem fazer sentido aos leitores de Mateus: 1. assim como Moisés, líder israelita que subiu ao monte Sinai e recebeu a Lei sagrada para os leitores, Jesus é aquele que traz a lei divina para os cristãos; 2. Jesus se assenta, e essa é uma figura muito familiar aos leitores, relacionada aos mestres de Israel que se assentavam, durante as cerimônias religiosas, nas sinagogas. Cristo é aquele que anunciará pela primeira vez seu Evangelho, reivindicando para si a autoridade rabínica.

O Sermão anuncia as bem-aventuranças do Reino aos comprometidos com ele (Mateus 5:3-12). São aforismos, escritos na terceira pessoa do plural, com exceção do último – “bem-aventurados sois [...]” (Mateus 5:11,12). Cada bem-aventurança evoca uma situação de “ser” do cidadão do Reino, no tempo presente: os pobres de espírito, os que choram, os famintos e sedentos por justiça, os misericordiosos, os de coração puro, os promotores da paz e os perseguidos por causa da justiça. Para cada situação de “ser”, há uma recompensa equivalente. As recompensas da primeira e da última bem-aventurança se situam no tempo presente (Mateus 5:3,10). No tempo futuro, encontram-se as recompensas das bem-aventuranças intermediárias (Mateus 5:4-9). Utilizando-se desse recurso linguístico, o autor propõe aos seus leitores um cenário ideal de cidadania, pelo qual aqueles que nele estão inseridos estão comprometidos com Cristo e têm acesso aos benefícios desse comprometimento.

Ao voltar-se para seus ouvintes no discurso, dirigindo-se a eles na segunda pessoa do plural, Jesus se refere à bem-aventurança de ser injuriado e perseguido por envolvimento com sua própria pessoa (Mateus 5:11), na forma de *ethos* dito. Essa mudança efetivada por Mateus compara os ouvintes da instância do texto, que assim sofrem, com os profetas de antigamente, os quais o autor apresenta como estereótipos de pessoas fiéis e

dignas de serem imitadas e que são familiares aos destinatários de seu Evangelho por conta do texto do Antigo Testamento que possuem e manipulam.

As bem-aventuranças são o prólogo do Sermão, que, visto até aqui, exige uma justiça superior à dos escribas e fariseus (Mateus 5:20), estereótipos de uma religiosidade nominal. Introduz a figura de Jesus como aquele

que está numa relação única com Deus [...] Consequentemente, quando ensina aos seus discípulos o caminho para uma justiça maior [...] não destrói ou anula a lei, pois ele veio para cumprir a Lei e os Profetas, não para aboli-los (MATERA, 2003, p. 59).

A partir de 5:13 e até 7:20, a enunciação do Sermão se volta para o eu/tu (vós), em que Mateus atribui a Jesus o tom do discurso, e reivindica o comprometimento dos leitores com os ditos de Cristo. A parte que abre o discurso (Mateus 5:13-20), considerada como exórdio pela retórica, tem como função

conquistar a atenção e a benevolência dos ouvintes, mediante uma auto-apresentação positiva, dissipar a desconfiança de que aqui estaria falando apenas uma pessoa qualquer, impor limites, desde o início, a opositores reais ou imaginários e expor o tema fundamental (ZEILINGER, 2008, p. 22).

Assim, iniciando pelo uso das metáforas do sal, da luz e da cidade edificada sobre um monte (Mateus 5:13-16), pelas quais ilustra a conduta ética dos leitores, na vida pessoal, na interação entre si e na sociedade da qual participam, o discurso afirma e desperta o comprometimento dos ouvintes no cenário, de modo a atuarem como diferentes em seu meio, promovendo mudanças e preservando os valores do Reino dos céus.

Ato contínuo ao comprometimento dos leitores, o Sermão demonstra a relação entre Jesus e o texto sagrado (Mateus 5:17-19), isto é, o Antigo Testamento, altamente considerado pelos leitores judeus. Jesus não vem impor nova ordem mundial, mas ratificar o que já é conhecido e integrante da cultura daquelas pessoas. A declaração de apego e cumprimento do texto sagrado fomenta a credibilidade da pessoa de Jesus, elimina a possibilidade de perversão de sua tarefa e ratifica o *ethos* prévio dos leitores acerca do texto sagrado, criando, assim, uma relação empática entre o personagem e os leitores.

Voltando-se para os leitores (Mateus 5:20), o assunto do discurso é a “justiça”, que deve caracterizar os ouvintes. Jesus contrapõe seu conceito de justiça ao estereótipo farisaico de justiça. O fariseu representa o estereótipo de uma pessoa fingida, cuja atuação ética impõe um comportamento religioso e social aos outros, mas não a si mesma.

Doravante, o tema da justiça percorrerá todo o *corpus* do Sermão. A primeira parte da argumentação tratará do exercício da justiça. Jesus utiliza seis vezes a mesma fórmula, partindo do conhecimento prévio dos leitores e retomando discursos anteriores, pela expressão “foi dito”, para ampliá-los ou modificá-los, utilizando a cláusula “eu, porém, vos digo [...]”. Será a retomada do sentido original da Lei e dos Profetas, a qual os leitores são chamados a fazer para serem cidadãos do Reino.

Em relação ao quinto mandamento, Jesus contrapõe-se à caracterização de assassinio como um ato exclusivamente físico, afirmando que a rejeição e a ira contra o próximo, nutridas pelo indivíduo, também são consideradas assassinio e dignas da reprovação divina (Mateus 5:21-26). Para exercício da justiça indicada pelo Sermão, requer-se reconciliação e acordo entre as partes.

O segundo pronunciamento (Mateus 5:27-30) contrapõe-se à prática corrente entre os rabinos de caracterizar o adultério como ato exclusivamente físico, afirmando que o olhar concupiscente e a imaginação a serviço da imoralidade são condenáveis e desrespeitosos a Deus. Utilizando-se de figuras de linguagem – arrancar um olho ou uma das mãos –, Jesus estabelece a abnegação moral como exercício da justiça em favor da dignidade humana.

A terceira fala (Mateus 5:31-32), caminhando na direção oposta à cobiça, contra-ataca o repúdio conjugal e a desagregação familiar por qualquer motivo, por meio de carta de divórcio, reafirmando os princípios da Lei mosaica (Deuteronômio 24:1-4).

A quarta fala (Mateus 5:33-37), em consonância com o propósito inicial, contrapõe-se à prática do juramento falso como ensinada pelos fariseus, proibindo os juramentos frívolos fundamentados em estereótipos do cotidiano. A verdadeira implicação da Lei para os leitores é o dever de cumprir suas promessas e serem pessoas de palavra (STOTT, 1981, p. 99). Utilizando-se da repetição (“sim, sim, não, não”) como forma enfática de declaração, o Sermão condena o perjúrio e encomenda a veracidade absoluta dos leitores.

O quinto pronunciamento (Mateus 5:38-42) dirige-se às reações do cidadão do Reino diante de atos de violência ou imposições que venha a sofrer. A prática condenada é o uso da fórmula *jus talionis*, ou seja, a vingança pelas próprias mãos e a intolerância. Ao contrário, o leitor é desafiado a resistir pacificamente à violência.

A sexta e última fala (Mateus 5:43-47), o ponto culminante dos seis textos, contrapõe as relações de amor (ao próximo) e ódio (ao inimigo), com o amor especialmente pelos inimigos, em verdadeira imitação a Deus, que “faz nascer o seu sol sobre maus e bons e vir chuvas sobre justos e injustos” (Mateus 5:45).

A segunda parte da argumentação do Sermão tratará do exercício da justiça perante Deus. Se os “pronunciamentos” buscam reinterpretar a Lei mosaica em relação às interpretações contemporâneas ao Evangelho de Mateus, doravante as instruções são sapienciais. Os temas abordados são: a esmola (Mateus 6:1-4), a oração (6:5-8), a oração modelo (6:9-15), o jejum (6:16-18) e a solicitude da vida (6:19-34).

Em contraste com o procedimento farisaico, os leitores do Sermão devem, à luz da verdadeira intencionalidade e postura exigidas no primeiro argumento, repensar a forma de exercer sua atividade pública, especialmente no tocante à sua ação religiosa, abstendo-se de esmolar, orar e jejuar com o intento de receber reconhecimento e louvor de seus pares. A verdadeira espiritualidade está em viver como cidadão do Reino, aguardando a recompensa do Pai (Mateus 6:3,6,18).

A oração modelo, conhecida como “O Pai nosso”, que no texto paralelo de Lucas (11:1) é ensinada a partir do pedido dos discípulos, localiza-se em lugar privilegiado do capítulo 6 de Mateus, como cena discursiva que estimula os leitores ao uso da precisão argumentativa diante de Deus, completamente distinta da ideia de “hipocrisia farisaica” e “vãs repetições pagãs”. O adendo à oração (Mateus 6:14,15) mostra a necessidade de coerência dos leitores quanto ao que pedem, ou seja, se aspiram por perdão, devem perdoar.

O capítulo 6 se encerra com a solicitude pela vida ou, em outras palavras, o modo como os leitores devem olhar o mundo, as riquezas e o futuro. São colocadas duas oposições diante dos leitores: dois tesouros (na terra e no céu, Mateus 6:19-21), duas visões de mundo (luz e trevas, 6:22-23), dois senhores (Deus e as riquezas, 6:24) e duas preocupações (a

sobrevivência e o cuidado divino, 6:25-34). Figuras de linguagem ajudam na argumentação a favor do Reino dos Céus: o tesouro terrestre pode ser atacado pela traça, pela ferrugem e pelos ladrões; os olhos maus podem oferecer uma visão negativa do mundo, de modo a trazer males para a própria vida; a riqueza requer tal atenção daquele que a pensa possuir, que o impede de servir a Deus; as aves e os lírios do campo são contemplados pela providência divina, enquanto os ansiosos seres humanos se inquietam pela sobrevivência. Se são cidadãos do Reino, como propõe Mateus, sua verdadeira riqueza está nele, em todos os sentidos, e o mal de cada dia lhes basta.

A última parte da argumentação encontra-se no trecho de Mateus (7:1-20). Stott (1981, p. 182) salienta que essa parte do discurso “consiste de um grupo de parágrafos aparentemente isolados [...mas...] o fio de ligação que corre por todo o capítulo, embora de maneira solta, é o dos relacionamentos”. Rica em metáforas, essa unidade enfatiza:

- O autoexame do cidadão do Reino antes de julgar e condenar os outros (Mateus 7:1-5), pois a “medida” empregada no julgamento dos outros será aplicada com igual intensidade sobre ele. Assim, fará bem se retirar a “trave” (viga de sustentação) de seu próprio olho, antes de tentar remover o “argueiro” (cisco) do olho do próximo.
- A sensibilidade e a parcimônia no uso do sagrado (Mateus 7:6), não desperdiçando com “cães” o que é santo e com os “porcos” as “pérolas”, uma vez que podem desprezar o discurso e reagir com violência.
- A confiança em buscar, pedir e bater, porque, se os seres humanos maus jamais enganam seus filhos com “pedra” em lugar de “pão”, ou “cobra” em lugar de “peixe”, quanto mais “vosso Pai” ...
- A Regra Áurea (Mateus 7:12) do fazer aos outros o que se quer receber deles.
- A adoção da contracultura da “porta estreita” (Mateus 7:13-14), explicitada por todo o Sermão.
- A cautela diante dos falsos profetas (Mateus 7:15-20), “lobos” disfarçados de “ovelhas”, “árvores más” que produzem “frutos maus” e pelos quais podem ser identificados.

Ao concluir o Sermão, Jesus reivindica sua identidade novamente. Ao prevenir seus ouvintes de que não basta chamá-lo

de Senhor, mas é preciso fazer a vontade do Pai que está nos céus (Mateus 7:21), ele aponta para o dia do juízo como a ocasião em que a religiosidade nominal, isto é, a teoria que não se consuma em prática, será identificada e reprovada (Mateus 7:22-23). Por isso, é preciso “edificar a casa sobre a rocha”, aceitando os termos do Sermão como expressão do verdadeiro ensino (Mateus 7:24-27).

Mateus (7:28,29) retoma a palavra para encerrar o Sermão, relatando aos seus leitores a reação da multidão, postada no monte e maravilhada (espantada, assombrada) com um ensino autoritativo sem igual. A conclusão do discurso propõe *ethos* efetivo aos leitores.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artigo procurou expor algo do desenvolvimento da noção de *ethos*, iniciando pelas provas artísticas da persuasão, segundo Aristóteles, encaminhando o leitor para a proposta de *ethos* efetivo de Maingueneau. Optou-se, então, por essa teorização, por tratar-se de análise desse recurso linguístico em discursos escritos. Observou-se a categorização do conceito em diversos níveis, anteriores e presentes no discurso, tais como: o saber do senso comum ou representação já cristalizada; a construção de estereótipos no transcorrer da leitura pela reconstrução de dados esparsos no discurso, mediante um modelo cultural preexistente; o “tom” do discurso ou a noção de corpo enunciante que se constitui da voz e da corporalidade e que remete ao leitor-ouvinte um ideal de entonação; o “fiador”, a figura que, mediante a fala do enunciador, se identifica com o mundo presumido que surge em seu enunciado e a cenografia discursiva.

Observou-se que o Sermão foi endereçado a um auditório possivelmente conhecido, composto ao menos de judeu-cristãos e familiarizado com o conjunto de crenças e opiniões partilhadas pelos cristãos, que fundamentam a comunicação e autorizam a interação verbal. O autor de Mateus enfatizou a importância de seu personagem central – Jesus –, qualificando-o no contexto anterior ao Sermão pela descrição genealógica e messiânica, como evidência de um *ethos* prévio. O contexto imediato do Sermão mostrou o relato da fama alcançada por Jesus e de uma aproximação popular intensa (Mateus 4:25).

No Sermão, Mateus tratou de legitimizar Jesus, o enunciador, com seu dizer, atribuindo-lhe uma posição institucional e marcando sua relação a um saber. Seguindo a trilogia aristotélica – *ethos*, *páthos* e *lógos* –, Mateus conferiu credibilidade a Jesus tanto por suas virtudes morais quanto por sua capacidade de expressão e convencimento.

Como o texto foi escrito vários anos depois da cena enunciativa do Sermão, o contexto mediato se incorporou na memória do locutor Mateus, identificando a oposição sofrida por Jesus até a morte. Como objeto de sua reflexão, o Sermão conta com linguagem que envolve questões futuras, como a perseguição a ser sofrida pelo grupo, ainda que isso não estivesse necessariamente acontecendo à época em que Jesus subiu ao monte e passou a ensinar a seus discípulos.

Sob essa perspectiva, o Sermão do Monte reivindica, ainda hoje, não apenas seu conteúdo sagrado, mas seus objetivos, a crença e confiança naquele que proferiu os ditos, por meio do texto daquele que os compilou, como a verdadeira expressão de cidadania do Reino dos Céus.

REFLECTING ON *ETHOS* IN THE SERMON ON THE MOUNT: FROM RHETORIC TO DISCOURSE ANALYSIS

ABSTRACT

This article intends to reflect about the *ethos* present in the Sermon of the Mount, under the Analysis of Discourse's view. The first part comprehends a brief reflection about the notions of *ethos* and in its development until the modern Discourse's Analysis. The second part dedicates to the search of the *ethos*' notion in the Sermon, and how the gospel's author proposed to use it in his text, leading the reader to the credibility of the Sermon orator's person – Jesus.

KEYWORDS

Ethos; Rhetoric; Sermon of the Mount; Discourse analysis; Contemporary discourse.

REFERÊNCIAS

AMOSSY, R. O *ethos* na intersecção das disciplinas: retórica, pragmática, sociologia dos campos. In: _____. (Org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. Tradução Dilson Ferreira da Cruz et al. São Paulo: Contexto, 2008. p. 119-144.

ARISTÓTELES. *Retórica*. 2. ed. Portugal: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 2005.

BARCLAY, W. *Gospel of Matthew*. 2. ed. Philadelphia: Westminster Press, 1958.

BÍBLIA. Tradução João Ferreira de Almeida. Revista e atualizada no Brasil. 2. ed. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. (Coord.). *Dicionário de análise do discurso*. Tradução Fabiana Komesu. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

EGGS, E. *Ethos* aristotélico, convicção e pragmática moderna. In: AMOSSY, R. (Org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. Tradução Dilson Ferreira da Cruz et al. São Paulo: Contexto, 2008. p. 29-56.

FERREIRA, J. C. L. *E ele será chamado pelo nome de Emanuel: o narrador e Jesus Cristo no Evangelho de Mateus*. 2006. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária)– Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

GREIDANUS, S. *O pregador contemporâneo e o texto antigo: interpretando e pregando literatura bíblica*. Tradução Edmilson Francisco Ribeiro. São Paulo: Cultura Cristã, 2006.

MAINGUENEAU, D. *Elementos de lingüística para o texto literário*. Tradução Maria Augusta Bastos de Matos. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

MAINGUENEAU, D. *Novas tendências em análise do discurso*. Tradução Freda Indursky. 3. ed. Campinas: Pontes, Editora da Unicamp, 1997.

- MAINGUENEAU, D. *Termos-chaves da análise do discurso*. Tradução Márcio Venício Barbosa e Maria Emília Amarante Torres Lima. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000.
- _____. *Discurso literário*. Tradução Adail Sobral. São Paulo: Contexto, 2006.
- _____. *Ethos, cenografia, incorporação*. In: AMOSSY, R. (Org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. Tradução Dilson Ferreira da Cruz et al. São Paulo: Contexto, 2008. p. 69-92.
- MATERA, F. J. *Cristologia narrativa do Novo Testamento*. Tradução Jaime A. Clasen. Petrópolis: Vozes, 2003.
- PRICE, J. M. *A pedagogia de Jesus: o mestre por excelência*. Tradução Waldemar W. Wey. 7. ed. Rio de Janeiro: Juerp, 1990.
- STOTT, J. R. W. *Contracultura cristã*. Tradução Yolanda M. Krievin. São Paulo: ABU, 1981.
- TASKER, R. V. G. *Mateus: introdução e comentário*. Tradução Odair Olivetti. São Paulo: Vida Nova, 1991.
- ZEILINGER, F. *Entre o céu e a terra: comentário ao Sermão da Montanha (Mateus 5-7)*. Tradução Paulo F. Valério. São Paulo: Paulinas, 2008.



REVISTA CIÊNCIAS DA RELIGIÃO, HISTÓRIA E SOCIEDADE

Projeto Gráfico e Capa

Diagramação

Formato

Tipologia

Número de páginas

LIBRO Comunicação

Know-How Editorial

18,0 x 24,0 cm

Garamond e Rubino Sans Fill

232